

A EDUCAÇÃO LITERÁRIA E NOVAS METODOLOGIAS DE ENSINO

Keila Lopes Dinelli Nogueira
(UFPA)¹ Pollyanna Pinho dos
Santos (UFPA)

RESUMO

Pesquisas apontam que no Brasil o interesse pela leitura está aquém do esperado. A escola não consegue despertar o gosto das crianças e dos jovens para leitura, tampouco formar leitores competentes, que consigam não apenas decodificar um texto, mas também compreendam o que leem e, sejam capazes de pensar sobre o que leem, realizar uma escuta do texto podendo se construir como sujeito ativo de sua leitura. O ensino-aprendizagem de literatura nas escolas tem se mostrado pouco eficaz na formação de sujeitos críticos e leitores literários, devido a utilização, ainda, de metodologias arcaicas, em que períodos cronológicos e escolas literárias são mais importantes que o próprio texto. Junqueira e Giroto (2011), em artigo sobre Estratégias de Leitura de textos literários, sugerem caminhos para trabalhos com textos literários em sala de aula. A partir do proposto pelas autoras, pretendemos neste trabalho refletir sobre a oficina realizada em Dezembro de 2013, na Escola Estadual Benedito Chaves, pelo Projeto PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência, com alunos do nono ano do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, cujo tema era “IMAGEMNANDO, VOCÊ VÊ O QUE?”

Palavras – chave: Ensino da literatura. Estratégias de leituras. Novas metodologias.

1. INTRODUÇÃO

O referido trabalho realizado na Escola Estadual Benedito Chaves, com alunos do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio, como atividade do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), busca retratar a aplicação da oficina “IMAGEMNANDO, VOCÊ VÊ O QUE?”, dividida em dois encontros de 3 horas, fundamentada nas estratégias de leitura sugeridas por Giroto e Souza (2011), as quais são propostas como alternativas metodológicas para educação literária e no texto de BOSI (1977) Imagem, discurso que define a imagem como “afim à sensação visual. [...] O ato de ver apanha não só a aparência da coisa, mas alguma relação entre nós e essa aparência: primeiro e fatal intervalo”.

¹ Graduandas do curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará.

Nosso estudo está assentado sob a perspectiva de alguns críticos da educação literária, como Ezequiel Theodoro da Silva e João Alexandre Barbosa, ambos professores aposentados e pesquisadores em universidades de São Paulo, que nos ajudaram a alcançar o objetivo deste trabalho: refletir sobre o ensino da literatura em sala de aula, que atualmente não contempla o ensino aprendizagem das obras literárias de maneira crítica e reflexiva.

2. METODOLOGIA

No primeiro dia, foram apresentados aos alunos diferentes tipos e formatos de gêneros: realizamos uma leitura do Poema José de Carlos Drummond de Andrade, após a leitura, entregamos cópias do poema com trechos pré-selecionados, indagamos os alunos sobre quais imagens os trechos remetia à eles e sua compreensão dos mesmos. Em seguida, colocamos a música José para ouvirem, e perguntamos se a imagem da música era a mesma que o poema despertara neles. Posteriormente, trabalhamos sons isolados, por exemplo: gritos, sirenes, choros, trovões, chuva, etc. e, após cada som fizemos a seguinte pergunta: “O que você vê com esse som?” para que os alunos compartilhassem a sensação ou imagem que esses sons lhes despertaram ou ainda qual o significado desses sons para eles. Logo após a discussão sobre as imagens, apresentamos aos alunos um vídeo explicativo do programa STOPMOTION - fizemos uso dessa tecnologia para atrair a atenção dos alunos -, e de uma paródia - da música Amor de chocolate do Naldo – Axila, Axila -² para instigar a classe à atividade do dia seguinte. A proposta foi para que os alunos, em casa, criassem uma paródia e a transformassem em stopmotion, para ser trazida no dia seguinte.

No segundo dia, lemos com os alunos o Conto Velas. Por Quem? De Maria Lucia Medeiros com o objetivo de extrair deles o conhecimento de mundo e a compreensão dos textos, com abertura para debate e questionamentos das problemáticas contidas nos mesmos, como por exemplo: Por que a autora inicia os parágrafos por “Fatal foi”?; Quem é o narrador? Em qual pessoa o texto está sendo narrado? primeira,

² Vídeo da paródia disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=sh-dwggDDwY>

segunda ou terceira pessoa? Você conhece alguém que viveu ou vivencia a mesma situação? Após o debate sobre o texto, realizamos a atividade requerida no dia anterior, com a paródia e o stopmotion, para que os alunos apreendessem, assim, o conceito de imagem.

Ao final da produção do stopmotion, praticamos o processo da “pata cega”: o aluno sentado e de olhos vendados, recebia um objeto em suas mãos, ao qual teria que descrever qual imagem este objeto lhe trazia à mente. Um aluno por vez participou da “brincadeira”, utilizamos objetos como: alho, tesoura, faca, caneta, óculos, entre outros. Após esse momento, fomos para produção textual, o discente deveria escrever sobre a imagem que o objeto que ele segurou trouxe à sua mente, dessa forma, expressando na escrita o que já haviam compartilhado de forma oral, não foi exigida quantidade mínima ou máxima de linhas, a produção foi livre. Nesta atividade trabalhamos ainda a noção de palavras – chave, por exemplo, o aluno que falou sobre o alho apontou palavras que para ele remeteu imagens como: infância, sonho, filme, e etc. Assim que cada aluno terminava o texto, corrigíamos de imediato, visto que na maioria das vezes não há o retorno de suas produções corrigidas por parte dos professores, não conseguindo, assim, se auto avaliar e melhorar suas produções. Embora avaliássemos a ortografia e gramática, este não foi o nosso foco - sem desmerecer sua importância - procuramos avaliar a ideia, o desenvolvimento do texto, e a coerência entre o objeto e o que foi escrito.

Obtivemos resultados positivos, pois, os alunos conseguiram apreender o conceito de imagem e a sua percepção em textos diversos e também desenvolveram suas habilidades cognitivas, à medida que foram estimulados, compartilhando diversas visões a respeito do assunto.

3. DADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Organização para Cooperação do Desenvolvimento Econômico (OCDE),

Letramento em leitura é a capacidade de compreender, utilizar, refletir e envolver-se com textos escritos, com a função de alcançar uma meta, desenvolver seu conhecimento e seu potencial, e participar da sociedade (OCDE, 2013).

Cerca de cem países fazem parte da OCDE, entre eles o Brasil que se encontra em 55ª posição do ranking de leitura, atrás de países como Chile, Uruguai, Romênia e Tailândia. Quase metade (49,2%) dos alunos brasileiros não alcança o nível dois de desempenho na avaliação que tem o nível seis como teto.

Dados como esses constata que o ensino-aprendizagem de literatura nas escolas brasileiras tem se mostrado pouco eficaz na formação de sujeitos críticos e leitores literários, devido a utilização, ainda, de metodologias arcaicas, em que períodos cronológicos e escolas literárias são mais importantes que o próprio texto.

A escola precisa observar a sociedade de forma crítica, para que possa gerar leitores conscientes e preparados para encarar, de frente, as situações e solucionar os problemas e desafios que surgirão em seu percurso de vida, e não apenas escolar. Não devemos formar apenas repetidores do discurso, pois isso já existe na sociedade. O aluno deve construir, através da leitura, da interação com o texto, um posicionamento crítico diante da realidade e ser agente transformador dela, “temos que combater concepções do tipo ‘ler é decodificar’ etc, pois tais concepções são reducionistas, não levando em conta a compreensão e o posicionamento” (SILVA, 1988).

Para gerar leitores críticos e criativos, faz-se necessário uma nova proposta para o ensino da leitura, pautado na questão das finalidades, pois, mesmo a mudança de mentalidade do professor, não é, sozinha, suficiente para transformar o ensino escolar, precisa-se mudar também, a pedagogia e o sistema educacional vigente. “Ler para compreender os textos, participando criticamente da dinâmica do mundo da escrita e posicionando-se frente à realidade – esta a finalidade básica que estabelecemos para as práticas de leitura na escola” (SILVA, 1988).

Como, então, ensinar leitura literária, visto que o aluno já vem com uma bagagem de vivência dessa leitura, e não cru, sem conhecimento algum? Para se conquistar tal objetivo, podemos nos apropriar de estratégias de leituras, possíveis de serem adaptadas aos alunos, e que os ajudem a conseguir uma leitura proficiente, em que os mesmos façam uma escuta do texto e interajam com ele, sendo assim, agentes de construção do seu conhecimento, posicionando-se diante dos acontecimentos através de uma ação social transformadora.

A escolha de textos pelo professor deve ter relação com o que se quer ensinar, a finalidade do ensino. O texto deve também ter relação com a realidade da sociedade, de forma a não escondê-la, pois, o aluno ao estar diante de um texto mentiroso, absorverá informações mentirosas. Além disso, é necessário realizar uma intermediação do texto com os alunos, sem repassar suas impressões, mas de maneira que o estudante possa expor sua visão e compreensão do texto, pois o professor não é o senhor absoluto do saber, mas intermediador do conhecimento.

Quanto professores, precisamos direcionar os questionamentos sobre o texto de forma crítica e abrangente, sem apenas as questões de interpretação e compreensão textual, culminando na produção. Infelizmente em nossas escolas os alunos são direcionados a acertar ou interpretar aquilo já está alicerçado como modelo pela instituição escolar, não formando seres pensantes capazes de interagir socialmente, educando alunos apenas para o vestibular, e isso deve ser combatido por nós, agentes promotores da educação desse país.

Giroto e Souza (doutoras em educação) realizaram uma pesquisa em escolas municipais de São Paulo com o objetivo de identificar qual o lugar da literatura na escola. O resultado dessa pesquisa não é muito distante da realidade que conhecemos em nossas escolas, obstáculos como: livros trancados em bibliotecas, despreparo da equipe docente, ausência de um planejamento didático efetivo, didatização dos livros de literatura para crianças, dificultam o ensino-aprendizagem de uma literatura que concretize o conhecimento em benefício social. Segundo as autoras:

Para que isso se concretize, defendemos o uso do ensino explícito/reflexivo, inerente à própria abordagem das estratégias de leitura, nas aulas de língua materna – aqui especificamente na educação literária das crianças. No aprendizado e desenvolvimento da metacognição é importante estimular os alunos a partilhar os seus progressos e as suas dificuldades, os processos que utilizaram, as percepções sobre si próprios como leitores em formação e de seus comportamentos cognitivos durante a realização das tarefas e a explicitar e avaliar antes, durante e depois da leitura os processos que já realizavam e passaram a realizar na/para/com atividade literária. (Giroto & Souza, 2011)

Giroto & Souza sugerem a leitura dos textos literário centrado nas seguintes estratégias: 1. Conexão – permite ao aluno ativar seu conhecimento prévio fazendo

conexões com aquilo que se está lendo; 2. Inferência – é compreendida como a conclusão ou interpretação de uma informação que não está explícita no texto; 3. Visualização – permite que palavras do texto se tornem ilustrações em nossa mente; 4. Questionamento – ajuda os alunos a aprenderem com o texto, a perceberem pistas dadas pela narrativa, fazer perguntas ao texto auxilia a compreensão do que está sendo lido; 5. Síntese – ocorre quando articulamos o que lemos com nossas impressões pessoais, reconstruindo o próprio texto; 6. Sumarização – Elencar aquilo que é importante na narrativa, o professor poderá mostrar ao aluno as principais ideias do texto, aumentando, assim, a chance de compreender melhor a história lida”.

As estratégias são apenas um norte para o ensino aprendizagem da literatura, onde o aluno pode conhecer como o texto funciona, descobrindo-se como sujeito ativo e participante do texto, fazendo com que o aluno reflita sobre o que leu, expandindo dessa forma sua compreensão, colaborando com a sua formação quanto leitor e pessoa, haja vista que, a literatura possui uma vocação humana e humanizadora.

Atualmente não existe uma prática pedagógica eficiente no ensino da leitura escolar no Brasil. Muitas vezes, nem o próprio professor consegue ler o que espera que seus alunos leiam. Seleccionam textos ao acaso, e esperam que seus alunos deem conta de uma interpretação rasa sem compreensão do que se leu. O professor precisa conhecer e ter intimidade com os textos apresentados aos alunos, lançar mão de estratégias para o ensino aprendizagem da leitura literária torna-se de fundamental importância para que este processo seja dinâmico e eficiente.

Segundo Barbosa, (1994) na leitura de qualquer obra literária, de qualquer texto que transmita algum tipo de valor ou sentimento é preciso conhecer duas linguagens: a língua que o autor está escrevendo e a língua do próprio texto, e exemplifica conforme o excerto abaixo:

É difícil “ler”, apreciar um quadro de MONDRIAN, por exemplo, se não se conhece um pouco de que modo esse pintor se insere na tradição da pintura holandesa. Isso porque os primeiros quadros de MONDRIAN são absolutamente figurativos e dialogam com a tradição da pintura holandesa. Ele não chegou ao abstrato sem antes passar por um percurso enorme, que foi o aprendizado da linguagem de um determinado tipo de arte – uma arte bastante localizada, a arte visual holandesa (BARBOSA, 1994).

Logo, para se apreciar a arte, uma obra literária, é necessário um conhecimento mínimo para que possa apontar a importância do texto. O professor pode morrer dizendo que Machado de Assis é um autor importante, que Iracema de José de Alencar é uma obra relevante, mas se o aluno não compreender isso através da obra, não entenderá o seu significado.

Barbosa pondera que “a literatura nunca é apenas literatura, o que lemos é sempre mais – é História, Psicologia, Sociologia”, por isso, afirmamos que a literatura é humana e humanizadora, sempre tem um algo mais a dizer, além de contar histórias, elas provocam em nós inquietações, reflexões, interesse pelo desconhecido, por isso as obras literárias ultrapassam gerações.

Dessa forma, podemos afirmar que existe uma relação mútua entre a literatura e mundo, por isso, devemos atribuir importância ao ensino literário nas escolas e relevância a leitura das obras literárias quando o aluno ascende à condição de sujeito ativo e construtor do conhecimento.

A utilização de estratégias no ensino da leitura literária promove a interação dos alunos com os textos, estimulando questionamentos sobre sua realidade, visto que a literatura possibilita uma viagem a diferentes contextos tornando a participação dos estudantes proativa.

4. CONCLUSÃO

Sabemos que não existe um padrão de ensino de literatura, no entanto, a utilização de estratégias nas leituras, torna o aprendizado mais prazeroso e eficaz.

Em nossa oficina, adaptamos as estratégias sugeridas por Girotto & Souza e observamos que a literatura não sendo ensinada de uma forma enclausurada, possibilita ao aluno ser o agente ativo em seu processo de compreensão. Para isso, torna-se necessário, quanto professores, deixarmos de lado nossas práticas de ensino viciadas, e buscarmos novas metodologias e estratégias de ensino da literatura, a fim de atrair e despertar o interesse dos alunos não só para à leitura literária, mas também uma leitura interdisciplinar, visto que as estratégias não são somente para o estudo de língua portuguesa, mas sim, para várias disciplinas.

Durante a aplicação da oficina, atentamos para o desconhecimento, por parte dos alunos, sobre os textos trabalhados, o que não prejudicou a apreensão do conhecimento dos mesmos. A oficina proporcionou aos alunos uma experiência qualitativa da leitura dos textos literários e produção de texto, melhorando a competência leitora dos estudantes, oportunizando aos alunos o contato com várias possibilidades de texto literário através de vários gêneros, levando-os a assimilar o conceito de imagem não apenas no sentido visual, mas também, nos sentidos sensorial e auditivo, através das atividades lúdicas aplicadas na oficina, visto que “a literatura se faz da palavra e além dela” (CAVALCANTI, 2009).

A imagem não é apenas visual, depende da nossa percepção para ela, tem a ver com o nosso repertório, não há explicação com palavras, mas nos convida a revivê-la e sua importância é o momento que a torna fácil e nítida de ser lembrada, olhar dado a imagem depende da experiencição de vida e mundo de quem olha.

Segundo Cavalcanti (2009), é importante que o educador compreenda que trabalhar com literatura é formar sensibilidade, provocar olhares, desconstruir conceitos, possibilitar caminhos que abrem para o múltiplo, poético e sagrado universo humano.

Esperamos que este trabalho colabore positivamente para o desenvolvimento do ensino da leitura literária, sendo este apenas um exemplo de como trabalhar a literatura através de estratégias que permitam ao aluno protagonizar o processo de construção do conhecimento.

Compete ao professor o desenvolvimento de forma criativa e responsável do ensino da leitura literária. A pluralidade de ambientes escolares que temos pelo Brasil, abre diversas possibilidades de ensino, permitindo adaptações de acordo com a realidade desses ambientes.

5. REFERÊNCIAS

BARBOSA, João Alexandre. **Literatura Nunca é Apenas Literatura**. São Paulo: FTD, 1994.

BOSI, Alfredo. **Imagem, discurso.** In: O ser e o tempo da poesia. São Paulo: EDUSP/Cultrix, 1977, p. 12-48.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica.** São Paulo: Paulus, 2002.

GIROTTI, Cyntia; SOUZA, Renata. **Estratégias de leitura: uma alternativa para o início da educação literária.** In: Álabe, 4, dezembro de 2011.

PAZ, Octavio. **Imagem.** In: Signos em Rotação. São Paulo: Perspectiva, 1989, p. 11-50.

PISA: **desempenho do Brasil piora em leitura e empaca em ciências.** Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/noticias/2013/12/03/pisa-desempenho-do-brasil-piora-em-leitura-e-empaca-em-ciencias.htm> Acessado em: 16/03/2014

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A leitura no contexto escolar.** Série Idéias n.5. São Paulo: FDE, 1988 p.63-70.